

SOLITÁRIOS NA MULTIDÃO: O SENTIMENTO DE MODERNIDADE NA OBRA DE POE E VALÉRY

Anna Waleska Nobre Cunha de Menezes¹

RESUMO

Constitui-se de um diálogo entre os contos de Edgar Allan Poe, intitulado *O Homem das Multidões* e o de Paul Valéry, intitulado *Senhor teste* e os apontamentos acadêmicos de Marshall Berman, Walter Benjamin e Edgar Morin a fim de elucidar o sentimento de modernidade expressos por estes autores. Partindo da premissa de que as obras de arte dialogam com teorias acadêmicas e auxiliam sobremaneira na sua compreensão, foi que este estudo teve como motivação inicial compreender o cenário intelectual da modernidade européia, baseado no princípio de que toda transformação do mundo ao redor conduz à autotransformação dos sujeitos e na concepção de Walter Benjamin, para o qual a modernidade se traduz em sentimentos de possibilidades infinitas, desafios e novidades, os quais ambigualmente convivem com o terror da desintegração e da desorientação. Em ambos os contos não há interação social do narrador com a multidão, as pessoas não têm voz, nem nomes, são apenas funcionários e parte do fluxo da cidade. Contudo, enquanto o conto de Poe apresenta uma alternativa que expõe a própria fronteira da racionalidade (visto que a singularidade é algo perscrutável, porém incapturável), o de Paul Valéry travou uma batalha com as próprias ferramentas da razão para não ser dragado pelo fluxo da multidão. Ambas as alternativas literárias surgem como opções acadêmicas na explicação de como se constitui o sentimento de modernidade.

Palavras-Chaves: Modernidade. Multidão. Solidão.

ABSTRACT

It consists of a dialogue between the tales of Edgar Allan Poe, titled *The Man of Crowds* and Paul Valéry, titled *Lord Test* and academic appointments Marshall Berman, Walter Benjamin and Edgar Morin to elucidate the sense of modernity expressed by these authors. Assuming that the artworks dialogue with academic theories and greatly assist in their understanding was that this study was to understand the initial motivation intellectual scene of European modernity, based on the principle that every transformation of the world around leads to self-transformation the subjects and the design of Walter Benjamin, for which modernity translates into feelings of endless possibilities, and new challenges, which ambiguously live with the terror of disintegration and disorientation. In both stories there is the narrator's social interaction with the crowd, the people have no voice, no names, and officials are just part of the flow of the city. However, while the tale of Poe presents an alternative that exposes the very frontier of rationality (since uniqueness is something explored, but uncatchable), Paul Valéry fought a battle with the tools of rationality not to be dragged by the flow from the crowd. Both literary alternatives appear as academic options in the explanation of how it is the feeling of modernity.

Key Words: Modernity. Crowd. Feeling of loneliness.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1 INTRODUÇÃO

Com o objetivo de explorar a sensação de desterritorialização experienciada pelo homem da modernidade e as suas formas de racionalizar tal situação, a presente análise buscou um diálogo entre os contos de Edgar Allan Poe e Paul Valéry e os apontamentos acadêmicos de Marshall Berman, Walter Benjamin e Edgar Morin. Esta construção se dá sem a intenção prévia de defender ou criticar correntes teóricas, mas sim, parte da vontade sincera de reconstituir o ambiente intelectual dos pensadores modernos e, com isso, dar um passo à frente na compreensão de suas obras.

Estudar as formas de expressão advindas dos primeiros produtos e construções industriais auxilia a compreender o contexto no qual surgiram as teorias modernas assim como ajuda a dimensionar em que aspectos as mesmas “compartilham do caráter expressivo dos produtos materiais que lhe são contemporâneos”. (BENJAMIN, 2006, p. 502)

Neste sentido, esta reflexão parte da questão: Como o cenário intelectual da modernidade européia permeou a obra dos modernos? Acredita-se que viver a modernidade seja perceber a vida como um processo constante de autotransformação e transformação do mundo ao redor e que isto promova na sociedade moderna um desenraizamento tamanho que, se no início traz o viço das descobertas, mas por fim, também acarreta certo terror da desintegração e da desorientação. (BERMAN, 1986)

Conviver com este paradoxo e demais contradições sociais passa a ser uma necessidade do Homem Moderno. Tal conflito não lhe é externo, mas sim uma extensão de seu próprio conflito interior. Para lidar com tantos paradoxos, as organizações burocráticas e os empreendimentos baseados na lógica científica se voltam para a busca das regularidades dos fenômenos sociais, além de apresentarem um grupo de atitudes que propiciem um maior apoio emocional a tão desconfortável experiência. Estes indicativos se condensam no que se pode chamar de moderno desejo de desenvolvimento, uma busca de conforto _ e sentido _ futuros.

Esta busca de construção do futuro reforça o sentimento da vida “escorrendo por entre os dedos” e faz com que o Homem Moderno vivesse numa constante briga contra o Tempo e sua inexorável passagem, apesar de saber que entrou em uma batalha perdida. Nas palavras de Berman (1996) o homem moderno quis ser super-homem em vez de autêntico ser humano, com isso, paulatinamente, o tempo da natureza e de seus processos vai sendo substituído pelo tempo da máquina e da criação humana.

Portanto, ao desenraizar-se dos referenciais naturais, ao viver a possibilidade de construir um desenvolvimento futuro, ao assumir a responsabilidade de moldar e segurar o tempo pelos cabelos, o Homem Moderno experimentou sentimentos que oscilavam entre o poder divino e à impotência total. Deixou de ser parte de um todo social para sentir-se este Todo e, certamente, associado aos aglomerados urbanos em ascensão, sentia-se parte anônima de uma multidão, sensação que melhor capta esta dualidade de estar sozinho entre tantas pessoas.

2 PERCEPÇÕES ARTÍSTICAS DA MULTIDÃO

Edgar Allan Poe escreveu na década de 40 do século XIX um dos seus contos filosóficos mais conhecidos *O Homem das multidões*. Não cabe a este estudo realizar uma análise literária da obra, mas tomá-la como um ponto de apoio para compreender como um homem da modernidade se sentia. Ou seja, saber como a partir da multidão, o próprio indivíduo moderno procura se compreender, deslocando-se e procurando o seu lugar nesta sociedade.

Neste conto o narrador se encontra em um café de Londres e se põe a observar o movimento de pessoas que se aglomeram nas ruas. Interessado pelas coisas mundanas, ele busca, principalmente por meio da linguagem corporal, reconhecer os tipos que passam em uma das principais vias públicas da cidade. Como diz o narrador (1981, p. 392-393):

A princípio minhas observações tomaram um jeito abstrato e generalizador. Olhava os passantes em massa e neles pensava em função de suas relações gregárias. Em breve, porém, desci a pormenores e examinei com minudente interesse as inúmeras variedades de figura, roupa, ar, andar, rosto e expressão fisionômica.

Tais passantes, aparentemente atarefados (mas que a narrativa deixa em aberto se são realmente aquilo que aparentam), parecem querer disfarçar a solidão acentuada pela coletividade circulante ao redor. Logo, eles buscam abrir caminho na multidão, porém não conseguem fugir de uma prisão identitária: são perfeitos tipos sociais. São mercadores, advogados, escreventes, agiotas, batedores de carteira, jogadores, ébrios, prostitutas, mocinhas humildes e tristes, senhoras enfeitadas, mendigos e mais uma plêiade de figuras humanas que desfilam pela vitrine do café trazendo suas ocupações e posições sociais estampadas no rosto.

Esta dimensão do social e dos seus códigos é tratada de forma irônica pelo observador, vista como uma cena ou um teatro cujos personagens vivenciam apenas o seu caráter geral. Contudo, o cair da noite e a fraca luz dos lampiões fazem com que o narrador sinta a necessidade de examinar os rostos com mais proximidade e detalhamento, entrevedo que juntamente com seus personagens sociais, cada indivíduo possuía uma “história de longos anos”.

A partir desta abertura para a dimensão singular dos passantes é que se torna possível ao narrador identificar um indivíduo “que não se deixa ler” e que logo se torna um mistério a ser desvendado. Como descreve o narrador: “Senti-me singularmente despertado, empolgado, fascinado. ‘Que estranha história não estará escrita naquele peito!’ – Disse comigo mesmo.” (POE, 1981, p. 395)

Deste momento em diante, segue-se freneticamente uma perseguição ao homem misterioso, uma metáfora da busca de desvendar o que está por trás da dimensão singular do ser humano. Deste modo, enquanto a multidão possui certo comportamento padrão, apresentado como “um mar de guarda-chuvas” ou corpos que transitam sem colidir, o homem das ruas não apresenta hábitos padronizados, anda sem destino, dá voltas, não aparenta ter objetivos além do fato de se recusar a estar só.

Por fim, o narrador, cansado de perseguir por toda uma noite o homem, desiste de conhecê-lo, dando a impressão que persegue a si mesmo. Com isso, Poe encerra o seu conto do modo como inicia, afirmando que “há alguns segredos que não conseguem ser ditos”, neste caso, não haveria como a razão capturar plenamente o singular, ela pode até o perscrutar, porém, sempre haverá uma dimensão indecifrável, cabendo apenas o reconhecimento de que “nada mais se saberá sobre isto”.

Meio século após a escrita de “O Homem das multidões”, o autor francês, Paul Valéry escreveu “O Senhor Teste” (1896), uma série de dez fragmentos que ressalta o poder da racionalidade na observação e dedução dos fenômenos. O *Senhor teste* é uma espécie de alter-ego a partir do qual Valéry persegue a lucidez. Apresenta-se como um homem o qual dialoga com o autor e cujas principais características são: “a fascinação monstruosa pelos poderes da inteligência, as negações de Bem e Mal para a revitalização máxima do Possível e do Impossível, a paixão amortecida ao que não saiba transformar-se em imagem, em idéia, em sensação”. (VALÉRY, 1985, p.9)

Neste conto também há um confronto do narrador com a multidão, a qual se dá em um passeio público de Paris. Contudo, a percepção sobre a coletividade ocorre sob outro

prisma: representa a luta da razão individual com a irracionalidade coletiva, na qual o senhor teste mantém sua superioridade por meio da indiferença e do anonimato que o abriga. Ao permanecer desconhecido, a multidão o protege de não se perder.

Diametralmente oposto ao velho anônimo de Poe, o *Senhor teste* tem um nome (Edmond Teste) e se apresenta como um homem rigoroso, que não admite contradições e que odeia o extraordinário. Sua atenção e memória lançam-se na necessidade de previsão dos fenômenos sociais. Seu sistema de racionalidade serve para medir os limites e mecanismos da plasticidade humana e suas leis de funcionamento, para tanto, com o seu passo militar e subjugador, acompanha o narrador em um passeio público, representando ele mesmo a “impossibilidade caricatural” da associação entre rigor e sensibilidade. (BARBOSA, 2007)

O passeio se dá pela manhã, enquanto o narrador fuma, lê os jornais e reflete sobre os assuntos os quais o jornal diz (que significa verificar tudo o que ele não diz). Neste trajeto, esbarra com o *Senhor teste* e sai junto com ele a olhar “o suave e incompreensível movimento da via pública que acarreta sombras, círculos, fluidas construções...” (VALÉRY, 1985, p. 81)

Em sua descrição, as ruas se apresentam claras, as sombras meigas e os transeuntes se parecem com o narrador. Os mesmos são forçados a portar um sorriso de acaso, devido à exposição decorrente da claridade. Ouve-se também uma mistura de ruídos: passos de cavalo, homens que se animam e tudo o que indica velocidade e funcionamento social. Este passeio transcorre como um sonho, “numa espécie de confuso número, trêmulo na sua grandeza, que reúne os desfiles, a opulenta renovação do mundo, a transformação dos indiferentes uns nos outros, a pressa geral da multidão”. (VALÉRY, 1985, p. 82)

Neste fluxo de barulho e movimento que a “opulenta renovação do mundo” promove o indivíduo desaparece, fato este que faz com que o narrador tenha ficado (juntamente com o *Senhor teste*) calado e imóvel, com medo de vir a ser um fragmento da multidão. Seu silêncio e imobilismo demonstram também que a coletividade lhe oprime, aparecendo como um “imenso outrem que aperta-me por todos os lados. Respira por mim na sua própria substância impenetrável”. (VALÉRY, 1985, p. 82)

Como escapar, então, da opressão da multidão? Pensando, prevendo, conhecendo o seu funcionamento. Esta é a saída que o que resta para que o indivíduo possa resguardar a sua singularidade no contato com a multidão.

Neste sentido, Valéry, assim como Poe, também procura pelo o que é dele, pelo que é a sua singularidade em meio à multidão, como se pode notar nas passagens; “não sei o que é meu: nem sequer este sorriso e a continuação que ele tem (...) O que me faz único mistura-se

ao corpo vasto e ao passageiro luxo de tudo isto, por aqui...”. (VALÉRY, 1985, p. 82) Contudo, sua expressão é de menos agonia e mais integração com a mesma.

Em Valéry os passantes se integram ao cenário do passeio e à sua fluidez, como se este correspondesse a um movimento transcendental e incontrolável da vida, como no trecho: “Uma força contínua de começo e fim consome seres, pedaços de seres, dúvidas, frases que andam, mulheres, um incessante cavalo de cor que arrasta a vida inteira e mesmo instantes destruídos em singular vazio...” (1985, p.82)

Um balanço que pode ser feito entre estas duas obras é inicialmente avaliar que elas ocorrem no cenário da modernidade. Para ambas algumas questões são postas: a noção de que a vida ocorre nas ruas, na dimensão pública do fenômeno social, a necessidade de compreender o fenômeno da massificação dos comportamentos, terem como ponto de referência o centro urbano para discutir a diluição ou não do indivíduo na modernidade, o desejo de não ser um fragmento da multidão, a busca de sentido para o movimento social, a nítida percepção do teatro e dos papéis estereotipados que a vida social decodifica e a busca de si mesmo e da singularidade do sujeito histórico, que se constrói como um observador dos fenômenos sociais.

Em ambos os contos não há interação social do narrador com a multidão, visto que as pessoas não têm voz, nem nomes, são apenas funcionários e parte do fluxo da cidade. Contudo, enquanto Poe apresenta uma alternativa que expõe a própria fronteira da racionalidade (visto que a singularidade é algo perscrutável, porém incapturável), Paul Valéry busca travar uma batalha com as próprias ferramentas da razão para não ser dragado pelo fluxo da multidão. Deste modo, o primeiro propõe mergulhar, sair na chuva, perseguir o incompreensível até sentir que não dá e, com isso, descobrir seus próprios limites, e o segundo propõe uma saída por meio da contemplação e do distanciamento racional, a fim de que a reflexão alce o indivíduo para fora da multidão.

O ambiente onírico e busca existencial permanecem, mas o que mudou nestas percepções sobre a experiência da modernidade foi a forma como a razão estava sendo percebida: limitada para Poe (que duvida sobre as impressões que os sentidos lhe transmitem), à uma razão absoluta para Valéry. Os indivíduos também sofrem uma alteração nestes relatos: de tipos humanos em Poe à ruídos, pedaços de seres e frases que andam, para Valéry. A fragmentação do humano acompanhou o avanço da industrialização moderna e se acentuou na percepção “fim de século” de Valéry.

Deste modo, observa-se que proporcionalmente à onisciência da racionalidade ocorreu uma fragmentação na percepção das pessoas, recebendo o olhar uma posição de destaque como atividade livre, podendo ser aquilo que o ritmo do capital não conseguiria comandar.

No contexto do início do século XX, ambos trataram do aparecimento das grandes cidades como uma experiência social insólita, destacando como a velocidade da vida urbana e o imediatismo de suas relações sociais perturbava os espíritos. Com isso, essas obras literárias conseguem expressar a consciência da modernidade, traduzindo-a como um sentimento de abismo, de sensações fragmentárias e descontínuas. Uma forma de mecanização da existência a qual expressava o próprio processo de industrialização no âmbito das subjetividades.

3 BENJAMIN, BERMAN E MORIN: OS SENTIMENTOS DA MODERNIDADE

O sentimento de desenraizamento e de angústia provocados pelo labirinto despersonalizado da cidade e dos seus rostos anônimos é tematizado por Walter Benjamin na obra *Passagens*. Para o autor, o fetichismo da mercadoria, embalado pelo discurso do progresso, produz uma fantasmagoria tal que a realidade se apresenta como alucinação permeada de sentimentos como: repetição cíclica de um tempo mecânico e esvaziado, pavor, monotonia, apatia, desesperança, sentimento de paralisia advindo da percepção do tempo como “continuidade e repetição” sempre cristalizado no presente.

Nas *Passagens*, o conto *O homem da multidão* é citado em meio à análise do *flâneur*. Este ser baudelairiano apresentado alegoricamente como um contraponto à multidão, sente-se um estranho no mundo, como analisa Benjamin (2006, p. 983):

Ele não se sente em casa nem em sua classe, nem na sua cidade natal e sim apenas na multidão, A multidão é o seu elemento. [...] A multidão como véu através do qual a cidade familiar transparece metamorfoseada. A cidade como paisagem e aposento. A loja de departamentos como a última passarela do *flâneur*. Lá materializam-se suas fantasmagorias.

O espaço social do *flâneur* é o limiar da grande cidade e da classe burguesa, elementos frente aos quais luta para não ser subjugado, buscando abrigo no anonimato da multidão, fazendo de sua família os estranhos e de sua casa as ruas. Sua luta para não criar identidade fixa, mas acaba fracassando, visto que o flânar, atitude moderna que se destacada em alguns indivíduos privados (*bohémien*) inicia-se como um *páthos* rebelde da intelectualidade, mas,

aos poucos, encaminha-se para o mercado tornando-se uma necessidade para as massas e para a própria circulação das mercadorias. É, portanto, digerida pelo capital.

O abismo secularizado dos saberes e a prisão dos seus significados associados ao seu contraponto, que é a imposição do novo, levam os indivíduos a um estado de desrealização e despersonalização tal que cada instante se torna uma “repetição infernal”. Este processo se potencializa por meio das novas tecnologias visuais, pela submissão total da ciência e da técnica às forças produtivas, esvaziando os conteúdos da tradição a qual só consegue chegar ao presente como acúmulo de objetos expostos à venda em um antiquário. Este processo é denominado por Olgária Matos (2006, p. 132) por “patologia do tempo” como sendo uma espécie de “ácido moral que destrói o organismo de dentro”.

Assim, a ambigüidade própria das relações capitalistas cria um “mercado de valores espirituais” promovem sensações de embriaguez e ilusões de poder os quais são “representados em passagens que são tanto casa quanto rua (...) também pela prostituta que é vendedora e mercadoria numa só pessoa”. (Benjamin, 2006, p. 985)

A mesma experiência da modernidade é analisada por Berman (1986) no seguinte sentido: enquanto a atomização e a massificação, resultantes do novo processo de produção, avançavam na sociedade, sentimentos de desorientação, insegurança, frustração e desespero, ocorrem inseparáveis da sensação de crescimento e euforia, os quais passam a constituir as novas sensibilidades modernas.

Estas duas dimensões do fenômeno moderno (psíquica e produtiva) não se apresentam como uma relação de causa-efeito, mas de concomitância e reforço mútuo entre si. Do mesmo modo, em sua dualidade dialética não há o momento da síntese ou da ruptura com a modernidade: ela representa tudo que é novo e o seu tempo é linear, expansivo e homogeneizante.

Portanto, Berman indica ao longo de seu livro que o já esperado processo autofágico no qual entrou a modernidade ao eliminar todas as tradições, matou também o que nelas havia de bom e estruturante da sociedade. Continuamente, como um câncer que ataca as células boas, a modernidade passa a destruir os seus próprios valores de origem, o que leva sua proposta de sociedade à beira de um colapso.

Reapropriar-se das visões clássicas da modernidade é, para o autor, a única forma de se compreender esta crise da modernidade, nunca resolvê-la, mas administrá-la. Em um outro ponto, a necessidade de superação das formas de racionalização engendradas pela civilização é defendida por Morin (1997) como sendo um jogo que se joga fora dos esquemas da tradição

cartesiana, devendo-se buscar uma nova lógica para se pensar o significado do desenvolvimento humano.

Deste modo, Morin afirma que a crise está instaurada para além da própria concepção de modernidade, ela se encontra em um *logos* civilizatório totalitário e unidimensional quanto a noção de desenvolvimento.

Apesar de tais distinções, Morin (1997) também pontua que particularidades ocorreram no período de desenvolvimento do capitalismo, as quais potencializaram os mecanismos de “metástase do ego” e de perda dos laços de sociabilidade, fazendo com que o mal estar que corrói toda a civilização adquira contornos específicos neste momento das sociedades ocidentais.

Sua análise destaca as perversas conseqüências de um processo de desenvolvimento reverso da técnica, da mercantilização generalizada, do desenvolvimento econômico e urbano e da individualização das pessoas, a partir dos quais “impõe critérios padronizados e impessoais prejudicam o convívio [...] tendendo a fazer da vida social uma gigantesca máquina automática”. (MORIN, 1997, p. 137)

A tecnização da produção difunde uma lógica na sociedade que subjuga o homem à cronometragem da máquina artificial, substituindo o processo comunicacional face a face por uma **coexistência anônima**.

A mercantilização generalizada reduz o “tecido de convivialidade” social devido o potencial des-solidarizante do mercado, o qual em sua lógica de custo-benefício faz definhar as relações de ajuda mútua e gratuita entre as pessoas, as solidariedades e os valores de bens comuns não-monetários.

Enormes engrenagens tecno-burocráticas advêm do desenvolvimento econômico e sua conseqüente necessidade de intervenção estatal, esmagando as expressões de singularidade das pessoas, as quais passam a ser dados da gestão pública e perdem a dimensão da sua responsabilidade individual sobre a vida da coletividade. A transformação do indivíduo em público e sua des-personificação é um fenômeno reforçado pelo processo de desenvolvimento urbano no qual “a cidade transforma-se em aglomeração, conjunto informe para populações”. (MORIN, 1997, p. 138)

O processo de individualização se caracteriza por uma atomização dos sujeitos e promove o enfraquecimento de um sentimento de sua responsabilização perante a coletividade. Este processo egocêntrico reduz bastante a possibilidade de diálogo do indivíduo com a sociedade, com sua família e consigo próprio, propiciando uma disjunção tamanha

entre as pessoas e entre os saberes que estas se vêem tomadas por uma enorme e constante sensação de abismo e de crise.

Portanto, a civilização em seu período capitalista viu-se potencializada por um conhecimento cruel e ao mesmo tempo autóctone o qual se constitui em uma engrenagem anônima que devora a plena existência humana.

4 CONCLUSÃO

Os contos ora analisados constituem-se em possibilidades de reflexão sobre sua época. Produzidos no campo aberto da arte, conseguiram promover uma síntese de como, no âmbito dos sentimentos, o homem massificado da modernidade, impelido pelas transformações da realidade externa, buscava na diluição com a multidão uma possibilidade para sua sobrevivência como unidade e singularidade.

Nestas narrativas o indivíduo moderno se sente solitário, perdido em seus valores (dessacralizado), exposto à antropofagia da via pública. Logo, vê-se (na obra de Poe) obrigado a mergulhar e se diluir na multidão e em seus papéis sociais sem com isso se ver ameaçado em sua integridade interior. De modo oposto, na obra de Valéry o homem moderno se apresenta distante e silencioso, caracterizado por um profundo individualismo, que despreza ou teme o contato com o outro.

O conflito como busca existencial é um fenômeno que transcende a experiência da modernidade, porém adquire particularidades neste período, visto que uma nova ordem passa a relacionar o valor das pessoas com o seu preço de mercado, percebendo-as como um produto, para os quais as ruas-vitrines expõem o fluxo das trocas materiais e imateriais capturadas pela ordem capitalista.

Tendo por base as idéias de Berman (1986), o qual parte da noção baudelairiana do “herói moderno”, percebe-se que em ambos os casos os choques com os passantes habilitam os modernos a descobrirem “o que eles realmente são”. Isto porque é de dentro deste fluxo de profanação da vida social que os autores falam, unidos pela crença na experiência como sendo a essência da vida moderna.

Deste modo, o ato de conhecer passa pela imperiosa necessidade de vivenciar, ver e sentir os movimentos singulares da História. Neste ponto, a perda do halo, como processo de dessacralização da vida moderna, apresenta-se como um paradoxo, na medida em que, cada segundo da vida social se torna ao mesmo tempo humano-vulgar e histórico-transcendental.

Tal paradoxo desloca a busca de sentido para a vida dos valores divinos para os fenômenos cotidianos da via pública, para o campo das necessidades mais comezinhas.

Esta “alma pública” do homem moderno aprecia o desfile de espécies sociais sem valores morais ou julgamentos adiantados. Apenas os vêem como pessoas que vendem o seu ser no mercado, constata a fugacidade de viver sempre as experiências fluidas do presente e se pergunta sobre a singularidade de um mundo massificado. Para tanto, no ensaio “o pintor da vida moderna” Baudelaire aponta a necessidade (assim como fez Balzac) de se aproximar das pessoas comuns, da atmosfera da multidão e de sua existência fluida, logo segundo ele “o artista moderno deveria sentar praça no coração da multidão, em meio ao fluxo e refluxo do movimento, em meio ao fugidio e ao infinito” (apud BERMAN, 1985, p. 141)

Assim, verificou-se como a multidão se tornou uma fonte inspiradora para estes autores Modernos, visto que nela se condensam os papéis sociais agindo como um catalisador que acelera os conflitos sociais e expõe suas contradições, causando fissuras no tecido social que permitem ao indivíduo respirar. Enfim, o homem da modernidade necessita casar-se e violar a multidão, a fim de sorver seu manancial de “energia universal”, vista como um “caleidoscópio dotado de consciência (BAUDELAIRE apud BERMAN, 1985, p. 141),

Neste cenário, a modernidade se vincula com a experiência de maneira tal, pode-se dizer que transcende o processo econômico e a visão cultural, tornando-se uma forma de experiência histórica que media cultura e economia. Esta experiência vem acompanhada do desejo de desenvolvimento, que cresce com o homem que perdeu o conforto da eternidade divina e que tenta se perpetuar na história.

Este desejo de desenvolvimento libera forças criativas e poderes destrutivos, os quais, com a perda da culpa e do impedimento moral, devoram o próprio homem moderno. Este vislumbra como única saída à expansão dos limites de sua experiência individual de vida.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, João Alexandre. **A Comédia Intelectual de Paul Valéry**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MATOS, Olgária Chain Feres. Aufklärung na metrópole: Paris e a Via Láctea. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 1123-1140.

MORIN, Edgar. **Uma política de civilização**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

POE, Edgar Allan. O Homem das multidões. In: _____. **Ficção Completa, Poesia & Ensaios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.

VALÉRY, Paul. **O Senhor Teste**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1985.